CONHECIMENTOS UTEIS.

PROVIDENCIAS ÁCERCA DA CHOLERA.

831 Consta-nos com prazer, que algumas das providencias lembradas pela REVISTA se tem adoptado.

O sentimento da charidade, que nunca deve ser esquecido em situações criticas, ou na sua aproximação, foi por nós appresentado como um dos elementos mais poderosos para minorar os effeitos do flagello, se por desgraça nos invadir. Sabemos que varias commissões começaram zelosamente o trabalho evangelico de promover, em favor dos pobres, os soccorros, que os abastados não teem direito de lhes negar.

A nomeação da Commissão Medica, composta do Sr. Dr. Francisco Antonio Barral, do Sr. Dr. Joaquim Pedro d'Abranches Bisarro, dos Srs. Joaquim da Rocha Mazarem, e José Lourenço da Luz, foi uma providencia mui acertada, e oxalá que em parte não só tivesse voto consultivo, como tambem deliberativo: pois que algumas das suas propostas de grande monta; já estariam realisadas.

Podemos assegurar ao publico, que a commissão está trabalhando com a maior actividade. Nesta noticia, não ha lisonja; e só é o cumprimento do dever, que nos impoem as exactas informações, que tomámos a este respeito, e o que pessoalmente fomos vêr ao Hospital de S José.

Foi nesse estabelecimento, que nós, ao passo que viamos trabalhos activos, em varios sentidos, e começados em virtude das representações da commissão, deparámos com muitos montes de palha podre em um terreno adjacente, e que perto de 1,590 doentes, estivesse similhante foco de infecção. Disseram-nos que a Commissão já tinha proposto o desapparecimento dessa pudridão, mas muito desejamos que as formalidades complicadas do expediente não demorem a resolução de coisas desta ordem.

É mister que o pensamento da Commissão não pare por causa de qualquer obstaculo. Ácerca da salubridade de algumas enfermarias do hospital e da acumulação de grande numero de doentes em cada uma dellas, a commissão póde prestar valiosos serviços. E pelo que já tem feito, esperamos que os preste.

Ha bem fundadas esperanças de que os seus alvitres nestes pontos vão melhorar a horrivel situação dos dasgraçados doidos, e não deverá deixar de assim ser porque é já tempo, que em Portugal se acabe com essas horrorosas cóvas de feras, em que se enterram e conservam vivos os pobres alienados. Os fundamentos da nossa esperança estão na inspecção, que ha dias se passou a esse horroroso estabelecimento, do qual tudo quanto se diga será pouco á vista do que se passa no coração de quem o visita.

No dia 27 do mez proximo passado, é que houve a inspecção a que nos referimos, feita pelo Sr. Ministro do Reino e da Justiça, pela Commissão Administrativa da caza, e pela Commissão Medica.

Esta visita foi o que devia ser, por que não era daquellas que por vezes se fazem aos estabelecimentos publicos, e em que a cal, a arêa e um arranjo ficticio, obra da prevenção, mascaram abusos inauditos. Os illustres visitantes viram tudo no tremendo horror da verdade: e pessoa de todo o credito nos assevera, que o Sr. Duque de Saldanha commovido por quanto lhe mostraram, chegou a dizer *que tendo estado nas principaes cidades da Europa nunca víra uma cóva de bichos tão horrorosa como o nosso hospital de alienados!* S. Ex.ª assegurou em seguida, que ía immediatamente cuidar na prompta remoção desses infelizes, para qualquer caza, onde, pelo menos, houvesse ar e luz. Sabemos que o Ministro já tractou de cumprir a sua promessa; mas tambem sabemos com pesar que alguns obstaculos se tem posto aos louvaveis desejos do Ministro. Contemos que todos hão desapparecer por que não póde continuar o estado barbaro desses malfadados.

O Sr. Duque de Saldanha fallou em transferir para a Penha de França o Hospital dos Invalidos, ao presente unido ao de S. José, e prometteu mandar organisar seis hospitaes para cholericos, habilitando a Commissão do Hospital com os recursos pecuniarios para a confecção de 300 camas, roupas, etc. — e creando alguns logares de Medicos e Cirurgiões para o Hospital.

Os facultativos acima mencionados tem proposto um numero consideravel de medidas, cuja execução por certo muito ha de contribuir para attenuar os effeitos do flagello, caso que nos venha a invadir.

Lembram entre outros meios a creação d'uma commissão de Senhoras com o fim de obterem esmolas para soccorrer as classes pobres da sociedade, com os meios de que tanto carecem para se premunirem contra o mal.

A lembrança é acertadissima.

Toda a correspondencia da Commissão Medica ha de ser impressa no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas.

A Sociedade das Sciencias Medicas, depois de se ter occupado desde Janeiro deste anno de uma discussão theorica da cholera etc., começou em Setembro ultimo a tratar de um projecto de Regulamento sanitario já impresso na REVISTA, tendo na ultima semana em que o havia de appresentar ao Governo duas sessões por dia. Teve porém a satisfacção de vêr approvado pelo Governo algumas das medidas que propoz. Passou logo em seguida a occupar-se do tratamento de tão horrivel flagello, discutindo actualmente o parecer, que já tambem se acha transcripto na REVISTA. Interrompeu porém sabbado passado esta discussão, para se entregar a outro objecto mais urgente, tal é, um aviso ao povo sobre os meios a pôr em pratica para previnir o desenvolvimento da cholera; ahi se lhe diz, que alimentos deve usar, como se deve comportar a respeito de todos os objectos que o cercam, etc.

Quinta feira vae continuar a discutir o parecer sobre therapeutica da doença.

O aviso ao povo ficou approvado na sessão de sabbado.

O Governo pois, a Commissão do Hospital, a dos Facultativos que lhe está annexa, e a Sociedade das Sciencias Medicas, não se tem esquecido dos seus deveres, e nós temos muita satisfação em aqui lhe tributar o louvor que tanto merecem.

CASOS DE ENTERRAMENTO PREMATURO.

Sr. Redactor.

832 O meu amigo e collega, Dr. Guilherme Abranches, em um artigo que publicou em a REVISTA UNIVER-

SAL ácerca dos enterramentos precipitados, termina, confessando-se convencido de que acontecimentos desta natureza não pódem deixar de ter succedido em um paiz, onde o imperio do desleixo e do descuido em objectos de saude publica é tão grande e dominante.

E o meu collega tem rasão, Sr. Redactor. Os seguintes factos, que V. se dignará registar no seu accreditado periodico, abonarão as suas crenças que eu partilho inteiramente.

Anda talvez por 38 ou 40 annos, que se passou o desgraçado acontecimento que passo a contar. Foi em Faro — um homem respeitavel, chefe d'uma das familias mais serias d'aquella cidade, padecendo d'asthma havia tempo, teve um ataque desta molestia, que o asphyxiou, e de que resultou ser considerado morto: — immediatamente o infeliz é amortalhado com o seu uniforme, á militar, e levado a depositar á Egreja do Carmo, onde o deixaram sósinho, sem ninguem que o vigiasse! No dia seguinte, o supposto morto foi encontrado realmente morto a uma das portas da Egreja, com a cara ferida e todo elle ensanguentado! A viuva do finado ignorou sempre este lamentavel acontecimento, sabido aliás de toda a cidade.

No anno de 1822 ou 23, pouco mais ou menos, a filha de ..... linda menina de 16 annos, d'Evora, foi egualmente julgada morta e precipitadamente encerrada no jasigo de familia. No dia immediato, diziam, que o sachristão ouvíra gritos subterraneos, que um medo estupido e supersticioso lhe não deixára escutar: pensou que eram almas do outro mundo! Era a desgraçada menina que tinha accordado para dormir o somno eterno! Passára sete annos — abriram-se então as portas do jasigo para deixar passar a mãe que ía repousar junto á filha; — mas que horrivel espectaculo se antolha á vista! Nos degraus da escada achava-se sentado um cadaver, ás costas contra a parede, reclinada a cabeça sobre uma das mãos!! Era o cadaver da innocente menina, que depois de ter dobrado os seus enfeites de morta, e collocado em cima a sua corôa, viéra tomar aquella posição sublime, de heroica resignação, com que se submetteu aos tormentos d'uma morte cruel, ás angustias da fome e da sede!!

Em 1833 saltou a chólera na torre de S. Julião da Barra, onde se achavam fechados os presos politicos. — A senhora de um d'elles, accommettida pala epidemia, passou por morta, e como tal levada immediatamente ao cemiterio. — F.... preso tambem, mas que na sua qualidade de medico tinha a permissão de ír vêr doentes a Oeiras, recolhia á meia noite, quando ao passar do cemiterio, distinguiu dentro um vulto, que se movia. Os cuidados mais assiduos não poderam comtudo salval a; mas parece que durou ainda 48 horas. — Foi o susto de vêr-se entre mortos, e não a chólera que matou esta senhora!

Taes são os factos tristemente horriveis, e horrivelmente eloquentes, que sobre assumpto de tanta magnitude tem chegado ao meu conhecimento, por pessoa digna de inteiro credito e de toda a confiança. — Outros poderia ainda contar, se porventura tivessem a mesma authenticidade — porém o que eu afianço, sem temor de ser desmentido, é que talvez mais de um corpo tem entrado no cemiterio do alto de S. João ainda quente!...

Este assumpto merece séria attenção, por parte do Governo: as providencias que reclama são conhecidas, e desgraçadamente a necessidade insta, ameaçados que estamos por uma epidemia grave. — Limito-me a esta simples observação, por não alongar esta carta, assignando-me

De V. etc.
Dr. Simas.

NOVA COMPOSIÇÃO CHIMICA.

Lemos n'um jornal americano o seguinte:

833 Um sacerdote da egreja presbiteriana, mui dado ás experiencias chimicas, acaba de fazer um descobrimento importante para as artes. Depois de muitas experiencias inventou uma composição de argila e acidos, cuja apparencia é a da melhor agatha.

Esta composição depois de bem seca torna-se de uma rijeza tal, que apenas póde ser cortada pelo diamante. Tem de mais a vantagem de sair muito barata, que faz que ella possa servir para innumeraveis ornatos, e até para se fazerem chicaras, pratos, etc.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

CONCLUSÃO DO EPILOGO.

834 A Audiencia, em que me julgaram, foi o desengano de quantas esperanças formei em quasi dois annos e meio.

Pensei, que a justiça era mais solemne, nos actos supremos do seu magisterio. No Tribunal, tudo me pareceu mesquinho e improprio das scenas, que em tal logar se passam.

Quando entrei, mandaram-me para o meio da sala, onde, ao lado da meza dos Advogados, estava um banco para me sentar. Defronte de mim ficava o Juiz dentro de uma especie de pulpito, tendo uma escada de cada lado: á esquerda estava o Magistrado que me accuzava, e, em seguimento a elle, os Jurados e testimunhas. Um rapaz sujo e mal vestido, indo para o lado do Juiz, tirou de uma urna os nomes dos Jurados, que decidiriam da minha sorte. Os sorteados vieram sentar-se ao meu lado direito, em duas fileiras de bancos, e então o Juiz que severamente me tinha ordenado que me sentasse, mandou-me levantar, e erguendo-se todos quantos estavam prezentes, leu, sem fé nem expressão nenhuma, o juramento que estava escripto em um livro, e que devia ser prestado pelos Jurados. — Um official de diligencias, que, como todos os seus companheiros, tinha uma capa preta sobre os hom-

* Vem do n.º 46.

bros, entregou uns Sanctos Evangelhos a um dos Jurados; o qual dizendo com voz sumida « assim o juro » foi passando o Livro Sancto de mão em mão, sem que a maior parte dos seus companheiros prestassem, com o respeito e clareza com que deviam, este solemne juramento.

Depois de todos sentados, o Escrivão levantou-se, e leu as varias peças do processo.

Eu estava completamente succumbido, e os soluços do choro fizeram algumas vezes parar essa leitura.

Do que se passou por certo espaço de tempo, não me ficaram idéas bem distinctas.

As perguntas que o Juiz me fez, longe de terem por fim descobrir a verdade, pareciam inspiradas pelo desejo de me perder. Se nas cadêas não tivesse sabido que a maior parte dos Juizes é assim, cuidaria que esse homem, tinha particular desejo de me levar á fôrca!

O inquerito das testimunhas foi feito no mesmo sentido do meu interrogatorio.

Antes de as perguntarem fecharam-nas em uma casa, donde foram saindo, a uma e uma: — primeiro as chamadas de accuzação, e depois as de defensa.

Neste ponto se me descobriu a trama urdida contra mim pela viuva do fidalgo.

Testimunhas houve que juraram ter-me visto assassinar Pedro!

Debalde o meu Advogado quiz provar as suas contradicções. O systema das perguntas do Juiz, suas observações ácerca de quanto o Advogado lhe dizia, tornaram inuteis os louvaveis esforços do meu defensor.

Pasmei vendo a malvadez das testimunhas falsas angariadas para jurarem contra mim!

No auge da maior afflicção, ouvindo mentir assim diante de Deus e dos homens, olhei para os que me cercavam a vêr se encontrava algum rosto amigo.

Ninguem se interessava por mim!

Lembrei-me de Fr. Anselmo, e chorei a sua falta, da qual não sabia a causa.

A accusação foi violenta, e a prova da minha espingarda se ter achado descarregada foi dada como incontestavel! E com tudo tinha sido o acaso, e não eu que a disparára! O meu advogado trabalhou para me defender bem; mas na incertesa das suas palavras, descobri a existencia d'aquella suspeita, que ha tanto me entrára no animo Nem elle acreditava na minha innocencia.

O jury deu o crime por provado, e o juiz depois de, com a maior indifferença, folhear as paginas de um livro, escreveu algumas palavras, e leu depois a sentença que me condemnava á morte.

Não a ouvi toda, porque perdi os sentidos antes de que a leitura se acabasse, e, ao tornar a mim, achei-me na enxovia d'onde tinha saído. Ahi me deixaram penar por muito tempo, nesse estado cruel que se não define; mas ao que se não póde chamar nem vida nem morte.

Durante esse tempo, só uma esperança desceu ao carcere, em que me finava: — foi quando o advogado que me defendeu, lembrando-se de mim, me mandou dizer, que se tivesse meios ou protecção. poderia recorrer aos tribunaes superiores, que talvez me commutassem a pena.

Pobre, e sem amparo, de que me servia esta esperança!

Iam completar-se trinta e tres mezes, que estava preso, quando o bom do Fr. Anselmo realisou a obra do meu livramento.

Eis aqui a carta que me mandou por uns almocreves, oito dias antes de que eu lhe caísse aos pés chamando-lhe meu segundo pae.

« Paulo.

« Uma gazeta que ahi se publica chamada « — Pobres do Porto — e que por todo o reino « leva as noticias de quanto se passa nessa cidade, foi onde ouvi lêr o funesto resultado de « teu processo. Fiquei muito afflicto por não estar nessa cidade, pois que muito havias de precisar de quem por alguns momentos te alliviasse « o pezo da tua cruz; mas a justiça nesta terra « é assim, dorme por muito tempo, e accorda « quando menos se espera, não para pezar como « Deus manda o bem com a mal, mas para ferir com espada que só o fiel da sua consciencioso balança devia dirigir. O que mais me « inquietava era, que os meus esforços não atinassem com o caminho traçado para tua salvasalvação pela Providencia Divina. Ao entrar « em uma Freguesia d'aldêa cheguei a ter escrupulos de que por teu respeito a minha fé houvesse vacilado. — Estava aberto o Tribunal da « Penitencia, e fui aproveitar-me da Graça Divina, que ahi se obtem. Sei que muita gente, « se o soubesse, zombaria desta minha resolução; « mas eu não quero ser tam sabio como esses, « e não me envergonharei nunca de dizer, que « muitas vezes no longo periodo da minha vida, « tenho achado na Religião a luz, que nos mostra o abysmo, em que se perde a alma; e a « força que desse abysmo nos desvia. Aproximei-

« me de um confessionario, e quando suspendi a « confissão, nos escrupulos com que estava, já « tinha contado o caso que lhes dava origem: « oiço uma voz commovida, que me pergunta: « — Irmão tendes mais alguma coisa de que vos « accusar?

« Respondi que não, e o confessor, ainda com- « movido me ordenou penitencia mui limitada, « e tam baixo me absolveu que mal o ouvi.

« Quando ia para me levantar, sinto-me abra- « çar, e acho-me nos braços do Padre Mestre « Fr. José de Maria Sanctissima, um dos mais « singulares ornamentos da minha ordem.

« As primeiras palavras que lhe ouvi, foram « a teu respeito: aqui as escrevo para avaliares « o que é aquella alma formada para Deus nos « mais assiduos estudos da solidão claustral.

« Irmão, esqueçamo-nos um do outro na pre- « sença da vontade de Deus, que, ao cabo de « tantos annos de apartamento, permitte que nos « encontremos aos pés do altar, ao qual nos li- « gam votos eguaes para salvarmos um innocen- « te. Louvemos a Deus por nos ter sempre con- « servado no caminho, onde se enxergam as pe- « gadas dos primeiros Apostolos da Egreja, pois « que nos podiamos ter perdido como essa ove- « lha fugida do sancto aprisco, que devia ser nos- « so irmão, e que já respondeu ao Supremo Juiz « pelo sangue, que a justiça dos homens quer « fazer caír sobre o pobre preso de que me fal- « laes. O demonio, que, em figura de mulher « o tentára, completou a obra da sua ruina. Per- « dido com essa paixão, que o peccado tornára « fatal, com o sangue da sua victima a arder- « lhe sobre o coração, viu fugir-lhe a que fôra « causa de tal crime; e saíndo da villa que ha- « bitava com a irmã que endoudecêra, a deixou « no meio de uma charneca, e nunca mais o vi- « ram senão os viandantes a quem roubava.

« Os habitantes deste logar perseguindo uma « quadrilha de salteadores, que por vezes os as- « saltavam, travaram com elles uma lucta nas « abas do povoado, e foi então que ouvi, em « horas de ultima agonia, a confissão desse in- « feliz, que ficára crivado de ballas. Os seus « crimes eram dos que só se absolvem, sem gran- « de penitencia, ás portas da sepultura. Entre « tantos conheci que lhe opprimiam a alma, o « assassinio do amigo, a innocencia do accusado, « que poderia ter salvado da prisão, e a sorte « da irmã que os lobos teriam feito pedaços, « ou que teria morrido de fome nos delirios da « sua loucura. Ao cabo de uma pratica, em que « Deus muito me valeu com a sua infinita mi- « sericordia, dictou perante testimunhas uma de- « claração de tudo quanto acabava de narrar, e « a assignou minutos antes de morrer. Não se sa- « be aqui nada do que vae pelas cidades; mas « escrevi muitas cartas para a cadêa do Porto e « de Lisboa com direcção ao nome que elle dis- « se, e não tendo nunca resposta julguei que o « arrependimento de tão grande peccador teria « sido tardío.

« Neste periodo não pude deixar de o inter- « romper, dizendo-lhe: que as cartas certamen- « te chegaram ao seu destino, porque me lem- « bra de me fallares em algumas, mas como « era mister pagal-as, e não tinhas para pão, « por isso não t'as entregaram. Mais uma vez « conheci a falta de que o Governo ou algum es- « tabelecimento de charidade, não tomem a re- « solução de pagar o porte das cartas dirigidas « aos presos pobres; mórmente quando da parte « do Governo o exemplo não seria novo, pois que « o bemfeitor de teu pae que era Deputado, re- « cebia todas as cartas de graça, talvez em quan- « to a tua pobreza te impedia de poderes obter « a que era tua salvação.

« Vinde comigo, me disse o Padre Mestre, « quero dar-vos esses papeis; e hoje mesmo par- « tiremos para o Porto, para Lisboa, ou para « onde fôr mister, a fim de proclamar bem alto « o innocencia desse pobre homem, que a Mi- « zericordia de Deos não deixou morrer inno- « cente. »

« Paulo, eu e o Padre Mestre estamos em ca- « minho para essa Cidade; mas, velhos e pobres, « não podemos andar tam rapidos como o dezejo « que nos dá animo. Escrevo-te para que enxu- « gues as lagrimas, porque não tarda que te va- « mos quebrar os ferros que te separam do mun- « do. »

Assim foi. Muita gente fallou neste acontecimento celebre, e depois de estar perto de tres annos preso sendo innocente, achei-me livre: mas pobre e sem pae nem mãe, nem amparo que me facilitasse meios de ganhar a vida.

Margarida era o que só me restava no mundo do tempo feliz que ahi passei.

O Padre Mestre não tinha podido acompanhar Anselmo, porque a sua velhice o não permittia, mas fui vê-lo na pobre aldêa, em que servia de coadjutor a um Parocho havia oito para nove annos. Depois eu e Anselmo partimos para Lisboa pedindo esmola. Habituado a tantos infortunios, passei por este trance angustiado da vida, quazi

sem o perceber: tal era o dominio, que em mim tinha a recordação do meu infeliz amor!

Se em logar de atravessar um reino mendigando, atravessasse muitos sempre pobre, que me importava se no termo de tão penosa perigrinação, Margarida tivesse de ser minha!

Todos os meus desejos eram sonhos; todos tinham em si o sello da morte!

No meio do caminho, Anselmo deixou-me, porque julgou encontrar uma suspeita da creança, que andava procurando. Vim só para Lisboa: a primeira pessoa conhecida que encontrei, foi o negreiro, com quem tinha estado na enfermaria. Ia montado em bom cavallo, e nem o conheci quando lhe pedi esmola. O nosso encontro foi ainda fóra das portas da cidade. Ao dar com os olhos em mim, chamou-me pelo meu nome, e disse-me que nos encontravamos em boa occasião, porque ia tratar com um negociante, seu amigo, dos ultimos arranjos para a partida de uma carregação de gente, que emigrava de Portugal, em um dos seus navios, para ir buscar trabalho ao Brazil, que é o que elle chamava a esta especie de escravatura branca, em que um contracto faz as vezes da polvora e do ferro, com que se captivam os negros.

Propoz-me o que considerava um ajuste vantajoso, em consequencia de sermos conhecidos antigos.

Como não conhecia ninguem em Lisboa, á similhança do afogado que se agarra ao primeiro cabo ou prancha, que encontra, disse-lhe a razão porque não acceitava, e que nem sabia como havia de atinar com Margarida.—« Tudo se ha-de arranjar — me disse elle; — tenho tambem contractado um official, que trabalha na botica do Hospital, elle o acompanhará; e perderá a scisma dessa Margarida, que o faz tão doido como ella está. » — Deu-me a morada, e foi este o meio porque entrei no Hospital dos doidos.

Toda a vida terei na memoria a recordação terrivel desse dia!

¡Meu Deus! o que é a civilisação, a charidade e a propria vergonha em um reino onde na sua capital existem creaturas humanas na situação mais horrorosa, que se póde imaginar!

Acabava de viver muito tempo nas enxovias; e senti gelar o corpo de terror quando abriram portas, que estavam trancadas, e depois, atravez de grades, vi revolver, em palhas, corpos humanos, que ahi jazem encarcerados annos inteiros sem luz e quasi sem ar!

Eu não sei, e não posso descrever tudo quanto passei naquella caza, que parece imitação, se os homens a podessem fazer do inferno.

Antes de entrar, senti desfalecer o corpo com a anciedade, em que estava: o meu companheiro, que sabia o que ahi me levava, fez algumas perguntas á enfermeira, a qual não sabia responder a nada, e apenas se dignou abrir a porta, dizen-nos — que procurassemos a pessoa em quem fallámos. — Cobrei animo por meio de um grande esforço, e quando quem me acompanhava me ia aproximando das doidas, que estavam nas camas ou das que andavam levantadas, parecia que me levavam pelos cabellos por entre essas figuras de aspecto sinistro e por mim nunca visto.

O meu pensamento estava esvaido no meio da confusão de vozes que resoavam por toda a caza.

O chôro, os gritos, as risadas, e os gemidos eram os elementos do ruido, que não deixava perceber uma só de tantas palavras, proferidas precipitadamente por quasi duzentas mulheres, que fallavam ao mesmo tempo.

¡Meu Deus! quanto póde a paixão de uma vida inteira! quanto póde o primeiro e ultimo amor!

Não houve um só rosto para o qual eu não olhasse, a vêr, se atravez da mascara da loucura, descobria as feições da que trazia o retrato na mente.

Como todas tinham o cabello cortado, o meu exame era mais custoso porque era mais duradoiro.

Quando a esperança me começou a faltar, voltei-me para algumas mulheres que nos seguiam: pensei que eram enfermeiras: fiz-lhe varias perguntas ácerca de Margarida: não me perceberam, riram-se, zombaram de mim, e algumas escarneceram-me... todas eram doidas.

Foi então que a enfermeira me mandou mostrar como ultimo desengano as portas dos carceres a que chamavam quartos da primeira galeria, que compõem a primeira salla, a qual é a mais horrivel das duas, porque a outra só consta de um pavimento sem esses carceres; mas onde ha a mesma falta de ar e extraordinario ajuntamento de gente, que se observa na que a precede.

Depois de aberta a primeira porta, pedi para que me deixassem descançar: o que acabava de vêr, tinha-me transtornado a rasão.

Estive alguns minutos a olhar para aquella fétida cova de féras, onde mal se podia distinguir um ser humano, até que uma mulher nua, e cadaverica, com a cabeça branca como a neve, se agarrou ás grades, e cravou em mim os olhos espantados, e que pareciam mortos. « Não é, — balbuciei eu, e para logo a porta se fechou, e uns gritos de horrivel afflicção resoaram atravez

do fragil tabique de que essa porta se formava.

Havia doze annos que a infeliz jazia nas trevas!

¿Que supplicio haverá mais barbaro do que este?

Não sei que o haja.

Todas as outras portas que me abriram, me atormentaram do mesmo modo o coração.

Entre a sepultura e aquelles lugubres carceres, eu já não sabia escolher. Ajoelhar sobre a pedra, que cobrisse os ultimos restos de Margarida, não seria para mim mais doloroso do que encontral-a viva em uma dessas sepulturas, em que, de hora a hora, se commette um assassinio, conservando uma existencia em mansão tão horrorosa.

Envelhecer assim é mais do que a morte!

Não pude saír da enfermaria dos doidos; e dahi me levaram em braços para outra, onde estive perigosamente doente, por algum tempo. Foi então que me constou de um enfermeiro, que Margarida, tinha estado no Hospital, e havia fugido, ha pouco, em um dia de visita ou inspecção. Nao sendo a fugida de um doido, coisa que desse grande cuidado, poucas diligencias se fizeram; mas depois se soube, que a viram saír as portas da cidade, e quando voltou trazia uma creança nos braços, e que ha muito assim andava por Lisboa; e que provavelmente não a tinham recolhido ao Hospital, porque não fazia mal a ninguem.

Parecia que esta devia ser a ultima agonia da minha triste vida.

Tinha ouvido dizer, que algumas doidas andavam por Lisboa, e que havia almas tão perversas, que abusavam criminosamente do estado dessas desgraçadas.

Apezar de que já vae alta a noite unica, de que posso dispôr para fechar este manuscripto, sinto necessidade de repousar chegando a este periodo.

A certeza de que Margarida estava em Lisboa, deu-me novas forças, e dentro em pouco tive alta do hospital.

Eu ía pedir esmola para a porta do Passeio Publico. Um dia, pela volta da uma hora, sinto grande ruido dentro do Passeio; olho e vejo ao longe uma mulher seguida por algum povo, a qual chegando ao tanque se deitou a elle, pondo antes no chão a creança que trazia.

Quando cheguei já a tinham tirado da agua.

Reconheci-a!

Era Margarida!

Os cabellos negros davam sinistro realce á pallidez mortal do rosto. Todas as feições denotavam a existencia de um pensamento fixo, que concentrava em um só ponto as faculdades da vida: os olhos brilhavam nas palpebras arrochadas como alumiadas pelo clarão de uma chama ardendo ao longe, e os labios estavam semiabertos por um sorriso tão triste, como o pranto.

Não me pude conter; chamei-lhe pelo seu nome. Ao ouvir-me afastou com uma das mãos os cabellos, que lhe encobriam metade da testa, e como quem escuta, impoz silencio aos que a cercavam. Repeti-lhe outra vez o nome; e então tomando-me por um braço, e como se me fallasse em segredo me disse: «Que me queres.... já « sei... queres agua para lavares o sangue com « que te mancharam... como ao meu Paulo:» e ao proferir a ultima phrase saíu-lhe do peito um grito egual ao que lhe roubou a razão, e uma risada mui forte lhe alterou as feições, que dentro em pouco tornaram a ficar serenas. E sem reparar em que eu mais vezes a chamava, continuou a dizer-me: «Tambem eu quero agua, e tanta « que me afogue para sempre a dôr, que me não « larga o coração!... olha e ouve que é para aprenderes.» E com voz harmoniosa que parecia vinda do céu começou a cantar: —

Anda cá se queres agua,
Que meus olhos t'a darão:
Ella é pouca, mas é pura
Da fonte do coração.

A creança, que estava ao lado, e que pouco mais ou menos teria dois annos, começou a sorrir assim que lhe ouviu a voz. Quando Margarida viu isto, cessou de cantar, e disse-me. « É « o que eu quero que lhe cantem depois da mi« nha morte... foi o que eu lhe cantei quando « ao fugir do cavalleiro, que a trazia, elle a veio « esconder quasi nos meus braços. Dizem que é « minha filha... mentem; e são os mesmos, eu « bem os conheço, que dizem que Pedro foi as« sassinado pelo meu Paulo.» E outro grito horrivel se lhe ouviu, e tomando a creança nos braços, correu apressadamente para fóra do Passeio.

O povo seguia-a, e eu tambem, mais morto do que vivo.

Corria de uma maneira espantosa. Chegando ás escadas da memoria do Terreiro do Paço, sentou-se, e ficou em uma especie de lethargo.

Passado algumas horas o povo deixou-a, e então aproximei-me della para vêr se reconheceria a minha voz. Só me respondeu — «Queres agua... « espera.» E repetiu a sua canção... «Tam« bem eu quero: toma esta engeitada...» — E

mo um raio correu para o parapeito do caes. — Vi-a subir, mas não vi mais nada, porque cégo pela carreira em que ía não reparei em uma riquissima e elegante carruagem que me fez caír, e que me teria morto, e á creança se os cavallos não fossem caminhando mui vagarosamente. Fiquei ferido; mas apezar da força da dôr, levantei-me ao tempo em que a portinhola se abriu, e correndo-se uma cortina de seda dei com os olhos na viuva do fidalgo, que estava olhando para a creança, tambem ferida, e que um criado tinha nos braços. — Eu só lhe disse — « É sua filha, ahi a tem !... » — e corri para o parapeito onde se tinha juntado muito povo.

Margarida era um cadaver!

Posso dizer que tambem morri então, porque a vida sem a esperança é a morte, e na sepultura de Margarida jaz toda a ventura, que eu podia possuir!

Na patria, empobreci; fui condemnado sendo innocente; e vi sumir no tumulo quantos affectos tinha no coração. Engeitou-me como se não fosse seu filho. Só me resta a fé, que não lha devo porque é de Deus.

A sua luz santa me confortará em o novo mundo, para onde vou; e no qual o meu futuro não é o trabalho livre mas a escravidão do trabalho.

UM ANJO.

835 Eu já fui anjo! — Já tive
A-as brancas de setim!
Cingia-me então a fronte
Alva c'roa de jasmim!
Era pequeno — innocente,
Sorria a tudo contente,
Tudo p'ra mim era *bem!*
Vindo a noite ajoelhava
Erguia as mãos, e resava
Por alma de minha mãe!

Em sonhos eu via os anjos
Virem comigo brincar!
Depois pegando-me ao cólo
Iam comigo a voar!
Voava até ás estrellas...
Ainda me lembro que ao vêl-as
Eu cerrava os olhos meus!
Então os anjos sorrindo
Iam subindo... subindo
Até entrar lá nos céus!

Não sei se podem meus versos
O que eu lá via contar!
Não era luz que cegava
Como alguns querem pintar!...
Não era doirado manto
Fulgindo... brilhando tanto!...
Fazendo a vista perder!...
Era uma luz... toda sua
Com mais meiguice que a lua...
Como eu não sei descrever!...

Uma voz... uma harmonia
Como nunca mais ouvi!
Fiquei suspenso! — Escutando-a
Quasi... quasi endoudeci!
Ao ouvir aquelle canto
Rebentava um doce pranto
Qual nunca chorou ninguem!...
E os anjos sempre a levar-me
Iam sorrindo lançar-me
Nos braços de minha mãe!

Fui crescendo; — e sempre o sonho,
O mesmo sonho, a sonhar!
Um dia que vi uns olhos
Sem saber... fiquei a amar!
Mas de noite, — á mesma hora,
Veio *um* anjo e sem demora
Direito ao céu me levou!
Era *um só*, e não brincámos....
Nem sorriu,..... nem nos fallámos
Em quanto o anjo voou!

Entrei... o céu era triste!...
Quasi morta a sua luz!...
Só vi a Virgem Maria
Chorando junto da cruz!
Em vez de escolher aquella.....
Lembrou-me logo a donzella
Que... *sem saber*... eu amei!
E mais ligeiro que o vento
Me desceu o pensamento
Para a terra que deixei!
.....

Logo que o meu pensamento
Ligeiro á terra desceu,
Caíram-me as azas brancas.....
Achei-me fóra do céu!.....
Desde então tenho chorado
Porque me veio o peccado
As alvas roupas manchar;
Porque em castigo a minh'alma
Não póde colher a palma
Que o céu ao justo ha-de dar!

F. Palha.

AUTHENTICIDADE DAS MEMORIAS DE ALÉM DO TUMULO.

836 O *Jornal dos Debates*, de 16 do corrente, publica uma carta das pessoas encarregadas por M. de *Chateaubriand* de tornar authentica a publicação das *Memorias de além do Tumulo*, que prova o escrupulo honroso como souberam desempenhar o encargo que lhes confiou o illustre escriptor.

Eis aqui em resumo os pontos principaes da carta: —

Em 1836 o auctor do Genio do Christianismo cedeu a uma Sociedade de accionistas, a qual na maioria era composta de amigos seus, a propriedade lit-

teraria das *Memorias de além do Tumulo*, mediante o preço que estipularam.

Em virtude de uma das condições do contracto, as *Memorias* só poderiam ser publicadas depois da morte do auctor. No mesmo contracto, se estipulou, como clausula, que mui rigorosamente se devia cumprir, que uma ou mais pessoas nomeadas pelo auctor, fariam a confrontação do manuscripto com as *provas*.

A Sociedade julgando usar dos seus direitos, cedeu, em 1844, a um dos jornaes *(a Presse)* o poder publicar o manuscripto. As pessoas nomeadas por M. de Chateaubriand, para fiscalisarem a publicação das suas *Memorias*, não approvaram este arbitrio, que, na sua opinião, era contrario ás intenções do auctor.

Os delegados do auctor exigiram, que os tribunaes decidissem, se, recusando elles confrontar essa edição, porque alterava as obrigações do seu mandato, estavam ou não no direito de exigir, que o manuscripto fosse immediatamente publicado em volumes.

O gerente da Sociedade, sem esperar resolução dos tribunaes, julgou justa esta reclamação, e só então se lhe entregou o manuscripto, que estava fechado com os respectivos sellos, em casa do fallecido auctor. As folhas do 1.° volume estão se imprimindo, e são conferidas com o maior escrupulo.

Os representantes de M. de Chateaubriand declaram, que feita assim a sua revisão de uma edição em volumes, julgam cumprir os seus deveres, sem que esteja ao seu alcance o evitar que a Sociedade proprietaria da obra, em vez de annunciar a venda de cada volume, o preste antes a um jornal para este o publicar antecipadamente.

Os mais abalisados jurisconsultos da França approvaram o seu proceder.

Terminam a carta declarando, que a edição em volumes por elles revista é a unica, que, em cumprimento da vontade de M. de Chateaubriand, declaram authentica.

CARTA ÁCERCA DO BAIXO RELEVO DO FRONTÃO DO THEATRO DE D. MARIA II.

Sr. Redactor.

837 Os Professores da Academia das Bellas Artes de Lisboa, abaixo assignados, lendo na REVISTA n.° 47, de que V. é ..... Redactor, um artigo em que o Sr. *Abbade Castro* affirma, que o pensamento do baixo relevo, que decora o tympano do frontão do Theatro de D. Maria II, fôra copiado de um quadro de *Antonio Rafael Mengs*, de que ha estampa gravada por *Morghen*; — rogam por esta ao dito Sr. *Abbade Castro* se digne indicar-lhes n'este mesmo jornal quem seja o possuidor de alguma das ditas estampas, para que em vista della, e do desenho e baixo-relevo do frontão, se possa liquidar a verdade do que S. S.ª assevera: duvidando os mesmos Professores que possa confirmar se, por isso que protestam não ter conhecimento de tal estampa: na certeza de que não respondendo convenientemente a esta justa exigencia, os abaixo assignados declaram ser destituida de fundamento aquella asserção.

Lisboa 30 de outubro de 1848.

De V. etc.

Francisco d'Assis Rodrigues.— Ant.° Manoel da Fonseca.

IRIS.

Periodico de Religião — Bellas Artes — Sciencias — Letras — Historia — Poesia — Romance — Noticias — e Variedades. — Redigido no Rio de Janeiro, pelo Sr. José Feliciano de Castilho.

838 É dever nosso saudar este irmão, que além dos mares se levanta inspirado pelo amor das sciencias e das letras, para servir a causa da civilisação, unindo neste empenho o nome portuguez ao brazileiro.

Ha no *Iris* uma parte, que se póde considerar politica, e esta não a julguemos, porque anda fóra do ambito, em que gira o plano da REVISTA.

Os numeros, que se tem publicado, contêm alguns artigos de muito apreço, tanto da redacção como de varios dos seus collaboradores, que são portuguezes e brazileiros.

A publicação de documentos ineditos relativos á historia geographica do Brazil é de grande utilidade e folgamos de vêr, que este assumpto faz sempre parte de todos os numeros do *Iris*.

Convencidos de quanto convem estreitar os laços de simpathia, que nos devem unir ao Brazil, desejamos que este jornal seja apreciado como merece por ambos os povos.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

24 DE OUTUBRO A 2 DE NOVEMBRO.

Diario n.° 253

983 Mappa da estatistica dos cereaes em todo o reino no anno de 1847.

Dito n.° 254.

Continuação do Mappa do encargo annual dos titulos de renda vitalicia.

O resumo da importancia do lançamento da decima e impostos annexos no districto de Portalegre no anno economico de 1846 a 1847 montou a 67:284$557 rs.

Portaria ordenando aos governadores civis a mais activa fiscalisação, para se obstar ao abuso das vendas de cartas de jogar, folhinhas e outros impressos, que, segundo a lei, devem ser sellados.

Dito n.° 259.

Portaria sobre a fiscalisação sanitaria, mandando lembrar aos Governadores civis, —

1.° que os Administradores dos Concelhos, onde houver portos de mar, e os regedores de parochia seus delegados, devem coadjuvar por todos os modos ao seu alcance os guarda móres, e fiscaes de saude dos mesmos portos na importante fiscalisação sanitaria, que lhes incumbe;

2.° que os ditos Administradores, e seus delegados devem vigiar o serviço dos mesmos guarda móres, e fiscaes de saude, examinando se elles são pontuaes, e escrupulosos na execução da mesma portaria, e das instrucções do conselho de saude, *e se exercem pessoalmente este serviço*, como lhes cumpre, dando logo parte ao Governador Civil, e este ao Governo de qualquer falta a este respeito;

3.° que da mesma sorte se deve dar promptamente parte de qualquer occorrencia extraordinaria, ou imprevista, como a vagatura de qualquer logar, o impedimento do fiscal de saude, a infracção de qualquer das precauções estabelecidas, e o seu resultado, os obstaculos, que encontra a sua execução, e tudo o mais, que possa concorrer para evitar a importação da molestia;

4.° que as instrucções expedidas aos Administradores do Concelho sobre este assumpto, devem ser por elles communicadas ao director da respectiva alfandega, e ao mesmo fiscal de saude, para que todos procedam de accôrdo, e se auxiliem mutuamente.

Dito n.° 260.

Portaria defferindo á representação da camara de Setubal para que os navios, que entrarem em lastro naquelle porto, possam carregar de sal, durante a quarentena, mediante certas providencias que a mesma portaria manda pôr em pratica.

SAGRAÇÃO DA ERMIDA DO CEMITERIO DE N. S. DOS PRAZERES.

840 Hontem, 1 de Novembro, celebrou-se, com toda a pompa, a Sagração da Ermida do Cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres.

A Sagração foi feita pelo Sr. Arcebispo de Mytilene, que tambem cantou a missa.

A Ermida achava-se armada ricamente.

A Camara Municipal, os Srs. Ministros do Reino, e da Justiça, bem como muitas pessoas de distincção assistiram á festa.

Tocaram nesta festividade os melhores musicos de Lisboa.

Deu logar a esta Sagração o ter sido profanada a Ermida, em consequencia das obras que a Camara Municipal nella havia mandado fazer. A Ermida ficou, se não boa, ao menos decente. O Culto Divino requeria imperiosamente taes obras, e folgámos de vêr que a Camara Municipal não deixou de cumprir este dever sagrado.

Honra lhe seja feita.

Agradecemos tambem á Camara haver ordenado — que em todos os dias do prezente mez se celebrem missas de defunctos em todos os Cemiterios, que estão sob a sua Inspecção.

MONUMENTO.

841 Os Estados Unidos da America do Norte, por meio de uma subscripção tentaram elevar um monumento consagrado á memoria do seu fundador o celebre Washington.

Este pensamento começou a ter a sua execução em 4 de julho passado, em que principiaram os trabalhos, na cidade de Philadelphia.

O monumento de um grande luxo de arte está orçado em perto de um milhão de pezos.

Os melhores artistas americanos ha mais de um anno que entendem nos trabalhos desta obra de gratidão e arte.

CASO NOTAVEL.

842 Alguns jornaes hollandezes dão conta do seguinte facto de maxima importancia para as tabellas da mortalidade.

Em *Joure* districto de Grieteny-Kaskerland, provincia de Over Issel, povoação de 25.000 habitantes, não morreu uma só pessoa, desde 10 de junho ultimo até 10 de outubro, e no districto de Grieteny-Haskerland, do qual a população é de 5 000 almas, em todo o mez de agosto só morreu um habitante.

THEATROS.

843 No Theatro de S. Carlos a repetição do *Attila* de Verdi, tem causado grande enthusiasmo, e com rasão. Vae para quatro annos que naquelle theatro se não cantava assim. A 1.ª dama, que se estreou nesta opera, a Sr.ª Gresti, bem como o *baixo profundo* o Sr. Benedetti, são dois artistas de grande merito. Na escolha destas duas partes a empreza foi perfeitamente feliz. Se na épocha passada tivesse escripturado cantores desta ordem não a teriamos censurado como tantas vezes fizemos. A empreza do Theatro de S. Carlos ha de se desenganar, que promove os proprios interesses quando escriptura uma boa companhia, e faz subir as operas e danças á scena sem mesquinharia.

O Sr. Volpini tem tambem agradado muito no *Attila*, e o seu dueto com a Sr.ª Gresti no 2.° acto já mereceu a honra de se repetir.

No Theatro de D. Maria II, representou-se um drama novo — *O Limpa Candieiros*. Consta-nos que foi applaudido; mas nada podemos dizer do seu merito, porque não assistimos ás duas representações que tem tido.

O Theatro do Gymnasio continúa a ser muito concorrido, e a variar os seus espectaculos.

MINAS DE CARVÃO.

844 A California vae supplantar o Peru, em relação á riqueza. Nas margens do rio, *Sacramento*, descobriram-se magnificas veias de carvão de pedra.

Este descobrimento, que é de uma importancia incalculavel, permittirá o estabelecimento de uma carreira de barcos de vapor entre S. Francisco e a China. A viagem apenas duraria tres semanas.

O commercio com esta achada soffrerá uma revolução completa nos mares do Sul.

NOVA ASSOCIAÇÃO.

845 Formou-se em Angra do Heroismo, uma Sociedade denominada — Sociedade Litteraria, Agronomica e Commercial da Ilha Terceira.

Foi inaugurada na sala do Paço Episcopal e continúa com zelo os seus proficuos trabalhos.

O que na Revista se tem escripto *ácerca da molestia das larangeiras* já foi assumpto de algumas das suas discussões.

A sociedade póde contar com as columnas do nosso jornal para quanto lhe fôr conveniente.

UMA PROVA MAIS ÁCERCA DA NECESSIDADE DE REFORMAR AS NOSSAS CADEAS.

846 Alguns jornaes da Capital tem fallado no facto inqualificavel que um prezo revelou pela imprensa, escrevendo uma carta em que conta, que tendo sido prezo da idade de 10 annos, foi sentenciado a 20 de degredo, e que havendo-se lhe commutado a sentença em 10, e sendo incluido nos perdões de 1837, está prezo vae para 15 annos! Confessamos que isto nos não admira, nem causará espanto a quem lêr o artigo que escrevemos em o n.° 22 do prezente volume com o titulo de *cumprimento das sentenças crimes*, o que aqui reproduzimos, e se acha escripto em um dos capitulos do *Prezo*, e que ainda não foi, nem poderá ser contestado.

(Extracto do capitulo 23 do Prezo.)

« Nunca pensei, quando era livre, que na mesma terra em que vivia: um homem, fallando a mesma linguagem que eu fallo, e penando em os horrores de um carcere, podesse dizer, se eu lhe fosse perguntar porque ahi estava — « Não sei, fui sentenciado, cumpri a minha sentença; mas esqueceram se de mim, e ha annos que aqui estou, sem que haja nenhum direito para me privarem da liberdade! »

« Alguns nem sabem onde param os processos; e como não ha quem se interesse por elles, envelhecem nas enxovias, sem que a esperança do livramento lhes minore a intensidade dos padecimentos. »

« Se fosse bem publico o que n'esta caza se passa, se lá fóra constasse, que havia aqui homens que os Tribunaes condemnaram a alguns mezes de degredo, e que ha annos esperam pela liberdade, que, ha tanto, lhes pertence, era impossivel que taes atrocidades continuassem. »

O que tudo isto prova é a necessidade urgente, que não deixaremos de continuar a demonstrar, de uma refórma no andamento dos processos e no systema perfeitamente vicioso das nossas cadêas. Não é em favor de um desgraçado, é em favor de centenares que sobre este ponto continuaremos a insistir, porque assim o exigem a Religião e o cumprimento dos deveres sociaes.

MARCHA E INTENSIDADE DA CHOLERA.

847 As noticias de Londres vindas pelo correio de terra por meio dos jornaes francezes, alcançam até 20 de Outubro, e são de 19 as noticias da *Gazeta Medica de Paris*, que temos presente. A cholera tem apparecido em varios pontos de Inglaterra: os casos são raros e por em quanto é tal a sua benignidade, que desapparece parte do terror, que a sua invasão deveria causar. As noticias de outros pontos confirmam o que fica dito, ácerca da pouca intensidade da molestia em relação á população.

De Berlim escrevem em 14 de Outubro. Até hoje a cholera atacou nesta cidade 2.102 pessoas, das quaes 1.312 morreram, 494 se restabeleceram e 296 ainda estão doentes. Estes numeros são bem diminutos se se observar, que a cholera está em Berlim ha muito tempo e que a povoação da cidade incluindo a guarnição é avaliada em 350 mil habitantes.

Em Koenigsberg houve no dia 10, casos novos 100 e fataes 42. Entre os mortos chora-se a perda do Dr. Wohlgemuth director do Hospital dos cholericos pobres. Quando esta noticia constou na Assembléa Nacional, dois medicos deputados por Koenisgsberg pediram licença, para se dirigirem ao foco da molestia a fim de prestarem os soccorros da sua arte, aos seus concidadãos.

Em Pozen houve no dia 11, casos novos 84, fataes 48, e curados completamente 21.

Um dos medicos francezes, que foram ao Oriente estudar a cholera e que voltou á França para se restabelecer, de dois ataques, que ahi teve dessa molestia, lêu ha pouco em uma das sessões da Academia Franceza — uma memoria ácerca da — Cholera Egypcia. Nesta memoria assevera, que salvou muitos doentes no periodo *tranquillo*, e no periodo *algido*, com pitadas de uma composição, que resulta do *canhamo* egypcio, macerado em uma dissolução alcoolica. Parece que a cura se effectuára, depois do doente estar embriagado.

DINHEIRO FALSO.

848 Não só nas provincias gira em abundancia mas tambem aqui em Lisboa começa a correr. É de esperar que as auctoridades procedam n'este ponto com a actividade que exige o grave prejuiso que de tal crime resulta para todos os interesses. Algum do dinheiro falso que tem apparecido é perfeitamente cunhado. Vimos um soberano ao qual no peso faltavam quatro grãos, e que na apparencia illude perfeitamente.

NOVA CALÇADA.

849 Em Paris se está fazendo uma experiencia de uma nova calçada.

A rua é calçada de pequenas pedras do tamanho de ovos de pombo, ligadas entre si por meio de um betume de composição particular

O inventor assegura que estas calçadas terão o dobro da duração das ordinarias, e custam pouco mais.

COLONIAS DE ARGEL.

850 O superior do celebre convento dos Trappistas de Staoueli escreveu ao ministro da guerra da França offerecendo-se a si e aos seus companheiros para diri-

girem os trabalhos agricolas dos operarios que vão ser enviados para a Algeria.

A commissão das colonias de Argel prosegue com a maior actividade os seus trabalhos.

O primeiro comboy é dirigido sobre a provincia de Oran. O territorio escolhido pelo ministro da guerra para a installação da primeira colonia agricola em Argel é o de Saint-Cloud, cujo logar principal é o de Goudiel na grande estrada entre Oran e Arzeu. Está *communa* compõe-se das aldêas de *Goudiel* e *Assi-Mefessour*. A sua superficie é de perto de seis mil hectares: podem ahi viver 150 a 200 familias.

BAIXELLA REAL D'INGLATERRA.

851 Está avaliada em 1:750:000 libras sterinas ou 7:000 contos de réis: — ella existe em Windsor Castle, e consta d'um serviço de oiro mandado fazer por Jorge IV, para 130 convidados: algumas das peças eram da frota Hispanhola, outras foram trazidas da India do reino dos Birmans, e da China. Entre as raras peças, que contêm notam-se dois vazos, um que pertenceu a Carlos XII, e outro que foi do Rei Ava: um pavão formado de pedras preciosas, e todas as tres peças estão avaliadas em 30:000 libras — ou 120 contos — uma cabeça de tigre, com dentes de cristal, e uma barra de oiro figurando a lingua, o qual servia de degráu a Tippo-Saeb — numerozos brucheis em oiro magnificamente ornados — 30 duzias de pratos do valor, cada um de 26 guineos.

T. M.

NUMERO DE TOIROS, E CAVALLOS MORTOS NA PRAÇA DE MADRID EM 14 ANNOS.

852	Toiros.	Cavallos.
1832	174	260
1833	223	216
1834	165	214
1835	199	239
1836	150	166
1837	172	194
1838	178	204
1839	177	176
1840	101	343
1841	127	161
1842	135	178
1843	124	196
1844	159	262
1845	173	335
	2:257	2:934

COMMERCIO.

853 — Cereaes.

Em 26 de outubro ficaram existindo na alfandega do terreiro 585 moios de trigo, 80 de cevada, e 42 de milho: os preços, por alqueire, foram — trigo, 400 a 560 réis — cevada, 220 a 240 — milho, 340 a 360.

Em 2 de novembro.

Trigo do reino rijo	de	320	a	460	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	480	»	»
» da ilha	de	330	a	370	»	»
Milho do reino	de	290	a	295	»	»
» da ilha	Não ha.					
Cevada do reino	de	180	a	190	»	»
» da ilha	de	175			»	»
Centeio do reino	de	210	a	220	»	»

Poucas vendas houveram no decurso da semana.

Nos preços dos cereaes, em relação ao alqueire, unidade que escolhemos para as cotações, é mister attender que infelizmente não é a mesma para todos os pontos do reino, e por isso em uma o genero parece mais subido do que realmente está.

— Coimbra 28 de outubro.

Trigo por alqueire, 360 réis — milho, 260 — cevada, 150 — centeio, 260. — Azeite, 1$160.

— Escrevem nos do Porto em 28 de outubro.

A Praça continua a estar pouco animada. Tem havido vendas de vinho, mas de pouco vulto. Ha muita actividade nas Commissões de soccorros, que se estão organisando pelas freguezias. A construcção de alguns navios mercantes vae progredindo: no dia 25 se lançou ao Douro uma nova escuna chamada — Santos Primeiro. — Por communicações officiaes consta, que os signaes dos navios inglezes movidos a vapor, vão ser applicaveis aos navios de vella. Constam de — uma luz brilhante branca, no mastro do traquete, uma verde na prôa a estibordo, e outra vermelha na prôa a bombordo.

O agio das notas regula hoje por 40 por cento.

O preço dos cereaes regula do modo seguinte — trigo da terra, 600 a 750 réis — das ilhas, 480 a 500 — milho, 360 a 370 — cevada, 240 a 260 — centeio 360 a 370.

— Praça de Lisboa, 2 de novembro.

Fundos publicos de 5 por cento 46 e meio a 47 por cento: ha poucos compradores: com o juro recebido 44 a 44 e meio, tem havido algumas vendas. — Os fundos de 4 por cento na proporção do juro. — Acções do Banco de Portugal, tem havido vendas por 354$000 a 455$000 réis, com o dividendo recebido. — Acções sob o fundo especial de amortisação, 46 a 47 por cento, com os 7 e meio pagos. — Acções do Banco do Porto 226$000 a 227$000 — Acções da Companhia das Lezirias 365$000, dos Omnibus 70$000, das Pescarias 26$000 a 27$000. — Cautelas da Companhia das Obras Publicas 2 por cento. — Todas estas cotações são em notas do Banco de Lisboa. As transacções feitas durante a semana em o mercado dos papeis de credito foram de pouca monta. Em moeda metalica só podemos cotar o preço dos Titulos antigos (azues) que regulam de 5 a 7 por cento. Tres operações, 18 a 22 e Papel-moeda, 11 a 12.

— Cambios effectuados na Praça em 22 de outubro sobre as seguintes Praças:

Londres.....	30 d. v	$52\frac{1}{2}$	
»	60 d. v	$52\frac{5}{8}$	$\frac{3}{4}$
»	90 d. v	$52\frac{3}{4}$	
Paris.....	3 d. v	540	
Hamburgo.....	3 m. d.	$47\frac{5}{8}$	48
Amsterdam.....	» »	$42\frac{1}{2}$	
Genova.....	» »	534	

— Agio das Notas do Banco de Lisboa de 27 de outubro a 2 de novembro.

Por moeda.

	Compra.	Venda.
Outubro 27. . .	1$940. . .	1$920
» 28.	1$940 e 1$960 . .	1$920
» 31. . .	1$980. . .	1$940
Novembro 2. . .	1$910. . .	1$980

— No leilão de papeis de credito do Estado e Acções do Banco de Portugal e de Companhias nacionaes, feito no edificio do mesmo Banco, hoje 2 de novembro (segundo é pratica todas as quintas feiras, desde o meio dia até ás duas horas) as acções do Banco chegaram a 458$000 réis, e os fundos publicos de 5 por cento a 44: para estes havia na Praça mais meio por cento, e para as acções do Banco o preço do leilão ou mais 3$000 reis por acção do que ao abrir da Praça.

— Praça de Londres 19 de outubro.

Os consolidados abriram a 84 e tres quartos, ou 84 e sete oitavos — e fecharam se 84 e sete oitavos a 85.

— Praça de Paris 15 de outubro.

Os 3 por cento 44,40 a 44 50
Os 5 por cento 68,55 a 68 60
Acções do Banco de França 1.500 fr.

— Praça de Madrid, em 26 de outubro.

Titulos de 3 por cento — 18 e tres oitavos.
» de 5 por cento — 8 e sete oitavos a nove e um oitavo.

— Numerario em circulação na Europa.

A importancia do numerario em circulação na Europa é avaliada pelos entendedores em seis milhares de milhões de francos, e repartida do modo seguinte: —

Em França	2:700:000:000
Inglaterra	1:110:000:000
Hispanha	450:000:000
Portugal.	150:000:000
Hollanda e Belgica .	300:000:000
Austria	275:000:000
Italia.	250:000:000
Prussia	220:000:000
Allemanha e Suissa .	300:000:000
Russia	300:000:000
Total	6:000:000:000 francos.

Moniteur Industriel.

EXPEDIENTE.

Findando hoje o setimo volume da Revista, e ultimo da sua primeira serie, julgo-me obrigado a prestar por este modo os meus agradecimentos aos Collaboradores, que me coadjuvaram durante o presente volume, e a todos os meus collegas da imprensa politica e litteraria, pelo favor com que sempre tem tractado este Jornal, bem como ás pessoas que o honraram com a sua assignatura.

Quinta feira proxima, 9 do corrente, se publicará o 1.° n.° do volume 1.° da segunda serie, composto em typo novo, e com os melhoramentos já annunciados.

Farei todos os esforços para que a Revista conserve o seu antigo credito, tanto como Redactor, como proprietario, que ao presente sou deste jornal.

Espero que na primeira serie, as pessoas a quem dirijo os meus agradecimentos, continuem a prestar-me a coadjuvação que em Portugal carece uma Empresa, como a da Revista; e já neste ponto sou devedor de distinctos favores ao *Diario do Governo*, ao *Estandarte*, e á *Nação*, que a meu respeito se expressam de modo muito mais lisongeiro, de que eu posso ou devo esperar.

Lisboa 2 de novembro de 1848.

S. J. Ribeiro de Sá.

— Os artigos de melhoramentos agricolas não ficam incompletos, por quanto nos publicados se expõe o que pensamos, ácerca do ensino agricola em geral, e quanto aos outros dois pontos, que nelles se incluiam a saber — influencia da imprensa e da Associação, julgámos que de cada um deviamos formar materia separada, que tractassemos em a nova serie.

Publicações recebidas — O retrato de El-rei D. Sebastião na ilha Terceira, de que dá noticia o Commendador Bernardino José de Senna Freitas. — Um folheto impresso em Angra do Heroismo.

Jornal da Sociedade Catholica — n.° 13 do vol II.

Revue Peninsulaire — n.° 5.

Diccionario portuguez, offerecido a El-rei — 5 folhas do vol. I.

O Espectador, jornal de theatros — n.° 5.

Revista Popular — n.° 35.